



A performance, o suprassensorial e a experiência nas Instalações da *Trilha da Vida*

José Matarezi¹

Universidade do Vale do Itajaí (Univali)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6890-8811>

Mariluci Neis Carelli²

Universidade Regional de Joinville (Univille)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0107-383X>

Nadja de Carvalho Lamas³

Universidade Regional de Joinville (Univille)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1305-123X>

Resumo: Este artigo objetiva fundamentar a experiência performática da Abordagem Metodológica de Formação em Arte-Educação-Ambiental Trilha da Vida: (Re)Descobrimos a Natureza com os Sentidos, comumente conhecida como Trilha da Vida (MATAREZI, 2003, 2005, 2006, 2017). Descreve os tipos de instalações de Arte&Ciência que atualmente compõem a Trilha da Vida, e articula os conceitos de performance, arte ambiental e suprassensorial de Hélio Oiticica; de experiência advindos de Jorge Larrosa Bondia e de mediação em Paulo Freire. Trata-se de uma pesquisa qualitativa crítica utilizando-se da bricolagem e da pesquisa artística. Os resultados contribuíram na caracterização da experiência performática associada à Trilha da Vida.

Palavras-chave: Arte-Educação-Ambiental, Participação, Instalações de Arte.

Performances, suprassensorial y experiencias en el Trilha da Vida

Resumen: Este artículo pretende sustentar la experiencia performática del Enfoque Metodológico de Formación en Arte-Educación-Ambiental Trilha da Vida: (Re)Descubrimos la Naturaleza con los Sentidos, comúnmente conocido como Trilha da Vida (MATAREZI, 2003, 2005, 2006, 2017). Describe los tipos de instalaciones de Arte y Ciencia que actualmente componen la Trilha da Vida, y articula los conceptos de performance, arte ambiental y suprassensorial de Hélio Oiticica; de experiencia proveniente de Jorge Larrosa Bondia y mediación en Paulo

¹ Artista-Educador-Ambiental. Doutorando em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade Regional de Joinville (Univille). Coordenador do Laboratório de Educação Ambiental (LEA) da Escola Politécnica da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Bolsista CAPES. E-mail: jmatarezi@univali.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade Regional de Joinville (Univille). E-mail: mariluci.carelli@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade Regional de Joinville (Univille). E-mail: nadja.carvalho@univille.br

Freire. Se trata de una investigación cualitativa crítica que utiliza el bricolaje y la investigación artística. Los resultados contribuyeron a la caracterización del experiencia performativa asociada a la Trilha da Vida.

Palabras clave: Arte-Educación-Ambiental, Participación, Instalaciones de Arte.

Performances, the suprasensorial and experiences on the Trilha da Vida

Abstract: This article aims to support the performance experience of the Methodological Approach to Training in Art-Education-Environmental Art Trilha da Vida: (Re)Discovering Nature with the Senses, commonly known as Trilha da Vida (MATAREZI, 2003, 2005, 2006, 2017). It describes the types of Art&Science installations that currently make up the Trilha da Vida, and articulates Hélio Oiticica concepts of performance, environmental and suprasensorial art; of experience coming from Jorge Larrosa Bondia and mediation in Paulo Freire. This is a critical qualitative research using bricolage and artistic research. The results contributed to the characterization of the performance experience associated with the Trilha da Vida.

Keywords: Art-Education-Environmental, Participation, Art Installations.

Introdução

Este artigo objetiva fundamentar a experiência performática associada às Instalações de Arte&Ciência na Abordagem Metodológica de Formação em Arte-Educação-Ambiental “Trilha da Vida: (Re)Descobrimos a Natureza com os Sentidos” (MATAREZI, 2005, 2006, 2017), comumente denominada de Trilha da Vida. É resultado da pesquisa de mestrado (2017) e doutorado (em andamento) vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) e aos grupos de pesquisa de Estudos em Arte, Cultura e Patrimônio (GEARCUA) e de Cultura e Sustentabilidade. A pesquisa se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos da bricolagem na investigação qualitativa crítica a partir dos autores Denzin (2017) e Kincheloe e Berry (2007), considerando as Instalações de Arte&Ciência que compõem a Trilha da Vida em convergência com o fenômeno de pesquisa artística (artistic reserache) (BASBAUM, 2013 e CERQUEIRA, 2021).

A fonte de dados se refere aos registros disponíveis no banco de dados da Rede Trilha da Vida de formação em Educação Ambiental por biomas brasileiros, o qual armazena o acervo produzido nas vivências de mais de 50 mil pessoas na Trilha da Vida desde 1998 e que está disponível pelo Laboratório de Educação Ambiental (LEA) da Escola do Mar, Ciência e Tecnologia (EMCT) da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Este acervo é composto por registros em áudio, vídeos, fotos, desenhos em mapas mentais, narrativas e textos escritos individuais e coletivos bem como relatórios técnicos. Neste conjunto amostral se fez os recortes considerando análises dos percursos formadores dos seguintes coletivos: 1) Grupo

de Jovens participantes das I, III e IV Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA) ocorrida em Brasília (DF) nos anos de 2003, 2009 e 2013, respectivamente; 2) Processos formadores de educadores ambientais realizados com jovens acadêmicos universitários da Univali em Itajaí (SC) no período de 2015 à 2018; e 3) Com famílias atingidas pelo crime ambiental da Samarco em Bento Rodrigues e Mariana (MG), em 2017. A sistematização destes recortes articulados com os conceitos de performance, arte ambiental e suprassensorial de Hélio Oiticica; de experiência advindos de Jorge Larrosa Bondía e de mediação em Paulo Freire; contribuiu na fundamentação da experiência performática que caracteriza a Trilha da Vida que atualmente pode ser ativada por quatro tipos de instalações de Arte&Ciência. Estas instalações possibilitam ao participante ou participante⁴, protagonizar uma performance única e coletiva de entrada num ambiente – espaço e estrutura educadora (MATAREZI, 2005), especialmente criado para estimular os sentidos do tato, olfato, paladar e audição, maximizados eventualmente pelo uso de vendas nos olhos.

Estas experiências estéticas são capazes de provocar nesses participantes, uma série de eventos heurísticos e estésicos pelo contato com as essências da terra, do ar, do fogo, da água, da cultura e da vida. Essência que se opõe ao excesso de estímulos e informações visuais característico da sociedade atual, sendo acessível apenas por uma “experimentalidade livre” (OITICICA, 2013, p.37). É nesta experiência performática que se desenvolve a formação em Arte-Educação-Ambiental direcionada para os diferentes biomas brasileiros e ecossistemas marinhos e costeiros, enquanto práxis da Educação Ambiental e da Educação Patrimonial.

A Arte-Educação-Ambiental tem se constituído num novo constructo transdisciplinar envolvendo a práxis de Educadores Ambientais, Arte-Educadores, Artistas e Ativistas socioambientais engajados na conservação das diversidades biológicas e culturais e no projeto de educar para uma sociedade sustentável, para a construção de futuros possíveis e ecocidadania. Sua emergência se verifica primeiramente nos campos do conhecimento e da

⁴ Conforme definido por Hélio Oiticica (2011), o conceito de participante é uma abordagem interativa e participativa da arte, onde o espectador é convidado a se envolver diretamente com a obra. Oiticica acreditava que a arte deveria ser vivenciada e experimentada pelo público, em vez de apenas ser vista ou admirada. Ele criou instalações e obras que eram destinadas a serem exploradas fisicamente, como a série "Parangolés", que eram capas de corpo que os participantes podiam vestir e dançar. Essa abordagem revolucionou a maneira como a arte é percebida e experimentada, tornando o público um participante ativo e cocriador da obra.

ação da Educação Ambiental (PERALTA, 2002; GOLDBERG, 2004; PERALTA CASTELL 2007; SANTOS e SATO 2006; SATO e PASSOS, 2010; DIAZ ROCHA, 2017; RACHE, 2016; MATAREZI, 2005 e 2017;) e que pode ser também pertinente ao campo da Educação Patrimonial conforme evidenciado por Matarezi, Koehntopp e Lamas (2017).

A Trilha da Vida trabalha conceitos chaves para a Educação Ambiental e a Educação Patrimonial como: Identidade, Alteridade, Pertencimento, Diversidades Biológica e Cultural, Legitimidade do Outro, História de Vida, Memória e Imaginação. Outro ponto de convergência entre elas é o fato de ambas estarem associadas a algo marginal (à margem), secundário, periférico, embora estejam presentes nos discursos institucionais e até mesmo de gestores e educadores como sendo de suma importância, mas que não se verifica objetivamente na prática.

Das Trilhas Perceptivas às Instalações de Arte&Ciência da Trilha da Vida

No início se propôs o termo “Trilhas Perceptivas”, pois se referia à exploração destas na forma de “experimentos educacionais transdisciplinares” (PERALTA, 2002, p. 119) e de “experimentos de primeira-mão” (KOBAYASHI, 1991; TILDEN, 2009), utilizando-se dos sentidos excetuando-se, num primeiro momento, a visão (MATAREZI, 2000, 2001 e 2003). Posteriormente, com a caracterização da Trilha da Vida como “Ambiente de Aprendizagem” (SCHMIDT, 2003) e com o desenvolvimento do conceito de “Espaços e Estruturas Educadoras⁵”, aprimorou-se essa conceituação considerando não apenas atividades e vivências às cegas, mas atividades de percepção sensorial, performance e experimentação estética em instalações de arte e estruturas educadoras, tanto em ambientes abertos (outdoor) como fechados (indoor). Essas experiências performáticas são provocadoras de descobertas e interpretações, pelo contato com miniaturas ⁶ como meios heurísticos, que

⁵ Conceito desenvolvido no campo da Educação Ambiental tendo como referências: Brandão, 2005; Matarezi, 2005; Lemos e Maranhão, 2008; Kunieda, 2010; Trajber e Sato, 2010; Borges, 2011; Oliveira e Tonso, 2012; Fritzen-Silva e Matarezi, 2013; Matarezi, 2017.

⁶ Conceito sistematizado por Wilhelm Walgenbach (1996, p.115) a partir dos aportes de Friedrich Fröebel e Wolfgang Klafki. Wilhelm Walgenbach conceitua miniatura como um objeto ou um conjunto de elementos que, juntos, formam uma ideia-chave a ser vivenciada, simulada ou desenvolvida pelo grupo. Assim uma miniatura pode ser um ambiente, um cenário, ou um caminho a ser trilhado, que contém uma ideia-chave, que contém uma metáfora, uma provocação capaz de gerar descobertas (eureka)” (PERALTA, 2002, p. 122).

venham a ser compartilhadas em rodas de diálogo, sistematizadas pelo grupo e objetivadas em projetos e ações transformadoras. Por fim, de acordo com Matarezi (2017), pode-se definir a Trilha da Vida como um convite à caminhada intencional, sensível e inteligível a ser experienciada pelas pessoas que querem “desvendar” e “desvelar” as relações históricas “Eu – Outro – Mundo” pelos sentidos em contato com diferentes situações, instalações e ambientes, de forma livre, experiencial, estética, reflexiva, dialógica e proativa das experiências performáticas de (auto)descoberta do novo na transição para sociedades sustentáveis.

As Instalações de Arte&Ciência da Abordagem Metodológica Trilha da Vida

A formação em Educação Ambiental pela Abordagem Trilha da Vida pode ser iniciada pelas performances em uma das quatro Instalações que a compõem: 1) Trilha da Vida com os sentidos em ambientes típicos dos biomas brasileiros; 2) Trilha da Vida Móvel; 3) Caminhos de Encontros e Descobertas (CED) em jardins, praças e áreas verdes urbanas e 4) “Vida Secreta dos Objetos” (ViSO) em salas de aula, conforme ilustrado na Figura 1. Estas Instalações da Trilha da Vida podem ser fixas (permanentes) ou móveis (temporárias).

A Trilha da Vida fixa está atualmente instalada numa área de mata atlântica e de nascentes do Espaço Rural Clarear, localizado no município de Camboriú (SC), e recebe grupos de até 30 pessoas para experienciarem uma sequência de atividades que ocorrem ao longo do dia, com duração média de 8 horas.

As instalações da Trilha da Vida móvel ocorrem em ambientes fechados (salas de aula, tendas, centros de convenções, por exemplo), onde se monta uma simulação de ambientes naturais representativos dos biomas brasileiros. Aqui se inverte a condição inicial das pessoas: em vez delas se deslocarem ao encontro da floresta na trilha fixa, a “floresta” que é deslocada até o encontro das pessoas, na ambientação da sala de aula ou auditório com uma instalação que simule a complexidade e as diversidades cultural e biológica peculiares da floresta atlântica, ou do bioma da região.

Figura 1. Mosaico de imagens representativas dos quatro tipos de Instalações que compõem a Abordagem Metodológica “Trilha da Vida”: 1) Trilha da Vida Fixa no Bioma Floresta Atlântica - Espaço Rural Clarear em Camboriú (SC), 2) Trilha da Vida Móvel instalada em tendas, centros de eventos e galerias – I CNIJMA e VII FBEA, 3) Caminhos de Encontros e Descobertas instalados em parques, praças, jardins e áreas verdes urbanas e 4) Vida Secreta dos Objetos instalada em salas de aula e auditórios.



Fonte: Acervo Rede Trilha da Vida.

Existem outros dois tipos de instalação na Trilha da Vida que cumprem a função de inicializadoras da formação em Educação Ambiental (FRITZEN-SILVA e MATAREZI, 2013; MATAREZI e SILVA, 2022). Uma delas denomina-se Caminhos de Encontros e Descobertas

(CED), que pode ser instalado e ambientado em áreas verdes urbanas, parques, unidades de conservação, praças, jardins e pequenas áreas verdes abertas. Outra é a Vida Secreta dos Objetos (ViSO), que é instalada em salas de aula ou auditórios. Assim contempla-se a diversidade de realidades existentes em todo o país e possibilita-se que a Trilha da Vida seja aplicada em qualquer condição.

As performances que ocorrem na Trilha da Vida, instalada no Espaço Rural Clarear, iniciam-se com uma recepção do grupo numa antiga casa de madeira conservada e representativa da história da comunidade local, seguida por: café da manhã coletivo, práticas corporais ao ar livre, caminhada de olhos vendados e pés descalços em trilha na mata, realização de desenhos (mapas mentais) ou expressões em argila sobre os significados da experiência de caminhar às cegas, almoço, finalizando com uma roda de diálogos em que todos podem compartilhar suas experiências e exercerem a fala e a escuta sensível.

Para que a caminhada com olhos vendados e pés descalços ocorra com segurança e de forma autônoma pelo participante, existem cordas que servem de guia e orientação do caminho a ser percorrido na Trilha da Vida do Espaço Rural Clarear. Essa corda passa por diferentes tipos de vegetação, havendo em determinados pontos objetos dispostos intencionalmente para facilitar o contato das pessoas. Esses objetos, feitos pela mão humana – manufaturados, são associados a diferentes culturas e épocas, como artesanatos indígenas, cestarias de palha, cerâmicas, instrumentos musicais de madeira, pilão, seguidos de outros típicos da época colonial, como panelas de ferro, lamparinas, ferramentas agrícolas, passando pela modernidade simbolizada pelas engrenagens de ferro e máquinas manuais, para finalmente chegar à atualidade, com objetos que representam a tecnologia mais atual, como computador e telefone. Trata-se de algo inusitado para os participantes, pois não se espera encontrar esse tipo de material no meio da mata atlântica. Aqui se evidencia, além da Educação Ambiental, a relação com os propósitos da Educação Patrimonial numa perspectiva crítica e dialógica.

Para facilitar o contato com tais elementos, existem sinalizadores (uma pequena argola) fixados na corda nos locais onde estão dispostos os objetos. Assim aumenta a possibilidade de perceber e explorar com os sentidos tais elementos culturais misturados à biodiversidade do local. A caminhada é individual e cada um faz no tempo que achar ideal.

Pelo fato de as pessoas estarem de olhos vendados, naturalmente os demais sentidos afloram, de modo que se aguçam as percepções auditiva, olfativa, gustativa e tátil, provocando uma autodescoberta desses sentidos por quem caminha na trilha. A memória e a imaginação são ativadas a todo momento quando se explora o local com os sentidos, buscando algum significado, ora mais emocional (sentimentos), ora mais racional, de identificação ou descrição. Seja como for, há uma forte carga de emoção associada às histórias de vida que o participante vai racionalizar e compartilhar em roda de diálogo após a caminhada.

Na instalação Caminhos de Encontros e Descobertas as performances envolvem dinâmicas de grupo e práticas corporais em espaço aberto, seguidas por uma caminhada de olhar e escuta sensível num jardim devidamente ambientado, onde há a possibilidade de estabelecer trocas simbólicas com os elementos que estão nesse espaço, finalizando com o compartilhar das descobertas numa roda de diálogo. O que muda aqui é a utilização da visão e escuta sensíveis, suprimindo a fala e estimulando outras formas de comunicação não verbal entre os participantes. O que gera um estranhamento e um desafio em buscar criativamente a interação e o diálogo não verbal num primeiro momento, pois na roda de diálogo que se segue a principal interação se dará pela fala de si e escuta do outro.

Na Vida Secreta dos Objetos, as performances iniciam-se com a exibição de um vídeo (curta-metragem), seguida do desvelar e da exploração estética de uma diversidade de objetos dispostos sobre uma grande mesa, de forma velada. Na sequência ocorre o desvelar dos objetos e efetua-se a escolha de um objeto significativo para o participante, a produção de narrativas escritas individuais sobre a história de vida do objeto escolhido, finalizando com a leitura das histórias criadas, em uma roda de diálogo.

A formação em educação ambiental é iniciada pelas performances numa destas instalações que contemplam vivências sensíveis de contato com a diversidade natural e cultural, pela presença de objetos que atuam como mediadores, a produção de narrativas e o compartilhar em rodas de diálogo nas quais um aprende com a experiência do outro. Essa experiência performática propiciada pelas vivências em uma destas instalações da Trilha da Vida se desdobra em novos encontros⁷ ecoformativos até que se complete o percurso de

⁷ A experiência performática vivenciada em uma das 4 instalações é a inicializadora de um percurso de ecoformação que dura em média 30 horas, sendo: de 4 a 8 horas no primeiro encontro quando ocorrem as performances nas instalações seguidos de novos encontros de 4h cada até que se complete todas as atividades

formação (em média 30 h) em Educação Ambiental e Educação Patrimonial. Nesses percursos ocorrem a produção de desenhos em mapas mentais, expressões em argila, narrativas escritas e gravadas, rodas de diálogo, construção de redes semânticas, mapas simbólicos, diagnósticos participativos, mapas temáticos, produção de textos coletivos até que se chegue à elaboração de planos de ação e/ou projetos político pedagógicos, por meio da sistematização das vivências realizadas e experiências construídas.

Os Objetos como Mediadores e Sociotransmissores

Todas as instalações se apropriam dos elementos naturais e objetos (artefatos culturais) como meios heurísticos (autodescobertas), como mediadores (FREIRE, 1988) ou, ainda, como “sociotransmissores” (CANDAU, 2009) das relações humanas com o mundo. De acordo com Jöel Candau (2009 e 2011), os sociotransmissores são elementos simbólicos que transmitem valores, normas e identidades sociais entre indivíduos e grupos. Esses elementos podem ser verbais ou não-verbais e incluem linguagem, moda, arte, rituais, mitos, objetos entre outros. O objetivo dos sociotransmissores é manter a continuidade cultural e a coesão social. Assim, os “objetos” e “elementos” característicos de cada lugar acionam memórias e lembranças de fatos ocorridos em nossas vidas e são fundamentais para nossa identidade e pertencimento conforme evidenciado por Matarezi e Silva (2022). Paulo Freire (2017, p. 95) ao sentenciar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, destaca o próprio objeto do conhecimento como mediador de um trabalho educativo.

Tudo que existe ao longo do trajeto das Instalações da Trilha da Vida, a ser percorrido, tocado, percebido e experienciado pelos sentidos; é considerado como miniaturas provocadoras de descobertas, com forte predomínio dos processos de ativação de memórias individuais e coletivas. Essa característica é definida metaforicamente por Jöel Candau (2009) como própria dos sociotransmissores pois, esses elementos e objetos que são tocados e percebidos pelos participantes ao longo da Trilha da Vida, favorecem conexões entre o que

da Abordagem Metodológica Trilha da Vida. A definição dos encontros (data, carga horária, local) é construída de forma participativa com o grupo ou predefinida com a instituição que agendou a formação.

está sendo vivenciado com determinadas memórias e lembranças próprias das histórias de vida de cada um e que são ativadas por essa experimentação estética e sensível propiciada na Trilha.

Como nossas relações com o mundo são cotidianamente mediatizadas por objetos, ferramentas e utensílios manufaturados, seja de forma artesanal ou industrial, estes objetos acabam funcionando como miniaturas de sistemas complexos, propiciando aos educandos eventos heurísticos (autodescoberta) de aprendizagem significativa de “dentro-para-fora”. Ou seja, ao propiciar uma experimentação estética com os mais variados objetos geram-se momentos de reflexão e busca de sentidos capazes de provocar descobertas e redescobertas sobre nós e nossas relações com o outro e o mundo a nossa volta. Na Trilha da Vida, um jardim, uma praça, uma sala de aula, uma trilha na mata ou até mesmo uma cidade, podem ser consideradas miniaturas de um grande sistema complexo. Assim como uma caixa de areia numa escola, uma horta ou um ambiente simulado em uma sala de aula. Uma faixa de pedestre. Esse conceito de miniatura é uma importante referência para as performances da Trilha da Vida. O que faz uma miniatura não é o seu tamanho ou escala física, mas sim a intencionalidade pedagógica e seu potencial de contemplar possibilidades de descobertas pelo sujeito que interage com ela.

Esses conceitos de miniaturas e sociotransmissores acabaram sendo apropriados e servindo de referência para pensarmos formas criativas de provocação estética nas atividades de Educação Ambiental e Educação Patrimonial pela Trilha da Vida, pois ativam a memória e a imaginação sobre identidades e pertencimentos de cada participante.

Neste contexto, Gonçalves (2015, p. 222) trabalha com o conceito de “ressonância” e aponta que muitos autores têm recentemente “chamado a atenção para a ‘materialidade’ de objetos e espaços, mostrando que estes não funcionam apenas como ‘suportes’, mas também como meios de produção de formas de autoconsciência individual e coletiva”. Ao analisar a relação dos objetos (materialidade) e suas ressonâncias, no campo patrimonial, considera que “não há patrimônio que não seja ao mesmo tempo condição e efeito de determinadas modalidades de autoconsciência individual ou coletiva” (GONÇALVES, 2005, p. 27). Ou seja, de acordo com o autor, a nossa subjetividade está diretamente relacionada com algum tipo de patrimônio. Assim como, de acordo com Candau (2011), “matrizes emocionais” derivam da

experiência social, por meio das memórias compartilhadas que acabam por se constituírem em elementos de nossa identidade. Assim, os objetos assumem também a função memorial e identitária nas relações de usos e apropriações que deles as pessoas fazem em seus cotidianos. São portadores de relações afetivas na medida em que representam e guardam lembranças e recordações de histórias de vida, mas também podem ser portadores de identidade.

Performance e Experiência na Trilha da Vida

Nas performances propiciadas na Trilha da Vida, ocorre uma ampliação dos sentidos pela ausência temporária de estímulos visuais ou da fala e pelo uso de guias, cordas e amarrações, a partir das quais os participantes são amparados e se deixam levar a um contato imediato com um ambiente que não veem, mas que sentem, ouvem, tocam, imaginam. Isto, de forma espontânea de fruição sensível e livre, frequentemente, fazendo desabrochar autodescobertas sobre si mesmo e os outros (coletivo e lugar). Uma forma de se comunicar com o ambiente que não é usual, no cotidiano. Comumente os relatos destacam estranhamentos, seja com o ambiente, com as pessoas e/ou consigo mesmo.

Autopercepção, sensibilidades, intuição, sentimentos, emoção, imaginação, razão, atividade, ação, memória, identidade, alteridade, pertencimento, são dimensões ativadas pelas experiências propiciadas na Trilha da Vida, Caminhos de Encontros e Descobertas e Vida Secreta dos Objetos, ampliando a capacidade dos “performers/participadores” se perceberem no ambiente e no contexto. Cohen (1989, p. 106) afirma que “o performer vai representar partes de si mesmo e de sua visão de mundo”.

O conceito de performance é amplamente usado e tem mudado com o tempo, conforme evidencia Toro (2010), alertando para o seu uso indiscriminado desde a sua introdução por Ervin Goffman em 1959 no livro *The Presentation of Self in Everyday Life* (A Representação do Eu na Vida Cotidiana), desdobrando-se na noção de *performance art*, por Allan Kaprow em 1957, no livro *Essays on the Blurring of Art and Life* (Ensaio nas Sombras entre Arte e Vida, 1993). A ampla disseminação do termo performance faz com que Toro (2010, p. 49) afirme que “...hoje nos encontramos curiosamente frente a uma torre de Babel

onde tudo é performance, a tal ponto que as noções originais de Goffman e Kaprow perderam todo seu valor epistemológico e heurístico, tornando a noção bastante problemática”.

O significado atribuído a performance, na Trilha da Vida, não é associado ao ideal de performance mental e física típicas dos desempenhos de atletas (alta performance), frequentadores de academia (culto ao corpo), no mundo dos negócios e do trabalho (workaholics), performance acadêmica, alta produtividade científica e de desempenho estudantil, competitividade industrial, ou seja, normalmente associada a processos competitivos e à necessidade individual de superar a si mesmo. Características que se originam a partir da época moderna, prioritariamente, nas áreas do trabalho, esporte e lazer associadas aos aspectos físicos e mentais, desconectadas da dimensão transcendental.

Na Trilha da Vida, pelo contrário, a performance é assumida como caminho inverso a toda essa competitividade, individualismo, culto a imagem, ao sucesso medido pelo financeiro, tão característica da sociedade de consumo e mercantilização do tempo, das relações e da própria vida. É um caminho de se religar com a natureza das “coisas” e de si (natureza interior), de se dar ao tempo da descoberta, de contato sensível e inteligível com o mundo a sua volta e consigo mesmo, uma conexão da sobrevivência com a transcendência e a imanência. Um resgate da simplicidade, atenção, cuidado, gentileza e cortesia. É um movimento de “sentirpensar” do corpo⁸ exposto a experiência de contato com as diversidades biológica e cultural do lugar. Para Sant’Anna (2005), a atenção é um ato individual aberto ao coletivo e desvela as diferenças entre as coisas.

A atenção é um ato ao mesmo tempo físico, mental, individual e aberto ao coletivo. Ela é principalmente um gesto voltado a cavar intervalo de duração entre o que foi e o que virá, entre o que nos é perguntado e o que será respondido. A desatenção é um parente próximo da indiferença. A atenção serve, entre outros, para discernir as diferenças (SANT’ANNA, 2005, p.70).

O autor argumenta que a performance deve ser entendida como um ato de cortesia, que envolve tanto aspectos físicos quanto espirituais. Ele destaca que essa compreensão está ligada à cortesia típica dos cortesões renascentistas. Além disso, o autor aponta que as práticas de performance atualmente valorizadas pela publicidade são aceleradas e diferem das temporalidades antigas. Defende o exercício da cortesia, por este possuir “algo de

⁸ Ver Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas da Univali intitulado “Corpo Vivo/Mundo Vivo: o fenômeno tátil e conhecimentos na Trilha da Vida” desenvolvido por Leticia Zorzi Rama em 2020.

corrosivo em relação à grosseria que pode se desenvolver em diversos momentos da vida, dentro e fora das atividades performáticas” (SANT’ANNA, 2005, p. 68).

Ressalta ainda a necessidade de gastar certo tempo, prestar atenção a nossa volta, “nos seres e coisas do mundo, conhecidos e desconhecidos”. Exatamente o que ocorre em performances na Trilha da Vida ao propiciar um tempo para o exercício de olhar, do tocar, do ouvir, do cheirar, do perceber e prestar a atenção de forma sutil, leve, com gentileza, gestos simples, tão caros e em falta na grosseria e violência do dia a dia e explícita nas comunicações virtuais, por exemplo. Para Sant’Anna (2005, p.70) a “dificuldade principal em exercer a atenção está no fato de uma série de estímulos diários que nos convidam sedutoramente a realizar justamente o seu contrário: a desatenção”.

Destaca-se que a performance desfaz a dicotomia corpo/mente, adquirindo uma dimensão epistêmica, que de acordo com Mostaço (2012, p. 145) “não apenas recusa a clássica assertiva ‘penso, logo existo’ como elege outros objetos como focos de problematização, contribuindo para alargar as teorias do conhecimento assentadas sobre os sentidos, as percepções e os estudos da linguagem”.

Essa corporalidade, na Trilha da Vida, envolve a participação, sensível e ativa, dos sujeitos na busca por “integrar conhecimento sensível ao conhecimento inteligível pois, este é desafio dos mais contemporâneos no enfrentamento das sucessivas crises socioambientais pela educação ambiental e educação patrimonial” (MATAREZI e KOEHNTOPP, 2017, p. 71).

Nesse sentido, a experiência performática da Trilha da Vida, pode se aproximar a uma “anti-performance”⁹ e uma “dança”, “proposição corporal levada a um nível de experimentalidade aberta”, como conceituado por Oiticica (2011, 2013). Segundo Cera (2012, p. 133), o “experimental são as possibilidades que se abrem no ‘play’, no jogo, explica Oiticica, e são mais do que performances, são PERFORMINVENTOS, com dimensão ritualística, esteticista e individual do corpo”. É justamente em seu “programa ambiental” de 1966, que Hélio Oiticica “conceitua a sua arte – antiarte – como aquela que, ao invés de se voltar para a

⁹ A anti-performance é uma abordagem à arte que se opõe à tradicional performance teatral ou musical, em que o artista é o principal protagonista e o público é um espectador passivo. Em vez disso, Hélio Oiticica propõe uma arte participativa e interativa, na qual o espectador é convidado a se envolver ativamente com a obra, experimentando-a com seus próprios corpos e percepções. A anti-performance busca criar uma experiência imersiva e transformadora para o espectador, levando-o a descobrir novas formas de expressão e percepção.

representação e a contemplação, só pode existir com a participação dinâmica do ‘espectador’, considerado, desse modo, um ‘participador’” (WISNIK, 2017, p. 103). Tal proposição acaba por ressignificar tanto o conceito de museu como de galeria e de exposição, levando Hélio Oiticica (2011, p. 82) a sentenciar que “Museu é o mundo; é a própria experiência cotidiana”.

Outra dimensão presente na Trilha da Vida e que pode ser associada às proposições de Oiticica (2011, p. 105), refere-se ao “suprassensorial” e à “proposição de experimentalidade livre” presente na conceituação de Mundo-Abrigo (OITICICA, 2013, p. 37): “MUNDO-ABRIGO é *environment*/não naturalista: ABRIGO-GUARIDA/do comportamento em nível experimental: mais do q refúgio é procura de chance de experimentar existencialmente”. A descoberta do corpo é um dos pilares da proposta artística do suprassensorial, um movimento liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica na década de 1960 no Brasil. O suprassensorial se propõe a explorar a percepção sensorial e o corpo como meios para uma nova compreensão da arte e da realidade. Acaba sendo um “projeto de vida” centrado no indivíduo, na sua busca por liberdade interior, expandindo sua percepção sensorial e imaginativa a partir da descoberta pelo participante numa espécie de dança-jogo do corpo com o mundo de possibilidades. Apresenta-se como uma saída do “condicionamento do cotidiano” para o qual é fundamental uma discussão de ordem social, ética, política (CERA, 2012, p. 128-129). Conforme o autor, é na “relação com o objeto de arte que Oiticica consegue vislumbrar o suprassensorial” buscando, “um novo comportamento perceptivo, criado na participação cada vez maior do espectador, chegando-se a uma superação do objeto como fim da expressão estética [...] e a derrubada de todo condicionamento para a procura da liberdade individual” (OITICICA, 1967 *apud* CERA, 2012, p. 127). Ou seja, uma participação na própria experiência da vida, na vida cotidiana, de forma sensorial e lúdica, que somente se efetiva quando experienciada com a máxima liberdade, livre de condicionamentos, de medos e preconceitos, num jogo aberto de livre “experimentalidade” (MORITA, 2011, p. 209).

Oiticica acreditava que essa abordagem permitiria uma conexão mais profunda com o corpo e com o mundo ao seu redor, e que a arte deveria ser usada como um meio para alcançar essa conexão. Esse contexto de performances integrando corpos, sensibilidades,

tempos e espaços, reforça a necessidade de uma parada e outro ritmo aos movimentos e relações com o lugar como aborda Jorge Larrosa Bondía:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p.24).

No contexto da performance propiciada na Trilha da Vida, identifica-se uma relação de proximidade da percepção com a memória e identidade. Em relação a isso, é comum que as rodas de diálogo e a produção de narrativas a respeito da vivência nas Instalações da Trilha da Vida evoquem memórias da infância, casa dos avós e de familiares relacionados a história de vida dos participantes. Em ambos os campos há a necessidade de considerar os aspectos relativos à percepção individual e coletiva, assim como da memória individual (pessoal) e coletiva (social).

A Trilha da Vida, ao criar vivências estéticas e estésicas que possam provocar estranhamentos, quebrar com a anestesia e condicionamentos característicos da sociedade moderna, que se desdobram no mundo contemporâneo, provocando alienação, nos aproxima dos conceitos de Performance e Suprassensorial de Hélio Oiticica e de experiência de Jorge Larrosa Bondía. Dois conceitos estruturantes se evidenciam nesse sentido: Experiência e Participação. Hélio Oiticica abordou a experiência e a participação como conceitos estruturantes na busca pelo suprassensorial (OITICICA, 2011, pp. 105-110) e em suas obras que abordavam o aspecto ambiental nas artes na década de 1960. Ao se questionar quais seriam as condições para se alcançar o suprassensorial, Cera (2012) encontra a resposta na Experiência:

A performance, acompanhada do experimental como forma não-interpretativa, cria frestas para a criação de papéis, para a ficcionalização. O conceito de experimental de Oiticica se fundamenta justamente em uma forma de exploração de possibilidades que conjuga subjetividade e mundo: “o experimental não é arte experimental. Os fios soltos do experimental são energias q brotam para um número aberto de possibilidades. No Brasil há fios soltos num campo de possibilidades: por que não explorá-los?” (CERA, 2012, p. 136).

O conceito de "experiência" surgiu na filosofia moderna como uma forma de entender a natureza da percepção humana e da compreensão do mundo. O filósofo alemão Hans – Georg Gadamer argumentou que a compreensão humana é uma forma de "experiência", e que essa experiência é sempre influenciada pelo contexto histórico e cultural de cada indivíduo. Sua contribuição repercute na análise da experiência estética como experiência formativa com claras implicações ao campo da educação e construção do conhecimento pois, segundo Lago (2011, p. 108), “a experiência estética promove a autoformação, na medida em que possibilita a experiência profunda de si, de quem a realiza, na relação consigo, com o outro e com o mundo”.

Já, Walter Benjamin distinguiu “experiência” de “vivência”, sendo que esta se relaciona a uma impressão forte que necessita de assimilação, enquanto a experiência é o conhecimento obtido por meio do acúmulo, do prolongamento e desdobramento de experiências (TELLES, 2007, p.2.). Enquanto, para Humberto Maturana a experiência está associada com a sua explicação, “pois explicar é sempre propor uma reformulação da experiência a ser explicada de uma forma aceitável para o observador” (MATURANA, 2001 *apud* TELLES, 2007, p.2).

Jorge Larrosa Bondía (2002 p. 20) propõe pensar a Educação a partir do par Experiência/Sentido, indo além do debate no campo pedagógico, entre os partidários da educação como ciência aplicada e os partidários da educação como práxis política. Este é um dos conceitos pares reconhecidos na Trilha da Vida e que encontra ressonância nas palavras de Jorge Larrosa Bondía, ao considerar “existir outra possibilidade mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido”. Em sua concepção de “Experiência” pode-se destacar os seguintes pressupostos básicos: 1º – A Informação não é experiência; 2º – A experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião; 3º - A experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo e 4º – A experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho. Faz uma distinção entre experimento de experiência:

Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o

desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (BONDÍA, 2002, p.28).

Ressalta a dimensão de Travessia e Perigo associada à palavra Experiência, tanto nas línguas germânicas como nas latinas afirmando que “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 21). O que na Trilha da Vida está muito presente diante da proposta de fazer uma caminhada às cegas por um lugar ou trajeto desconhecido característico de um dos biomas brasileiros.

Considerações finais

A Trilha da Vida fundamentou-se inicialmente, no fato das pessoas deixarem de utilizar momentaneamente o sentido da visão, despertando para o uso dos outros sentidos na experimentação de Trilhas Perceptivas e Interpretativas da natureza, evoluindo para se configurar como um conjunto de instalações heurísticas de Arte&Ciência, capaz de problematizar e metaforizar a nossa relação ambiente-cultura em experiência performática, sensível e inteligível. Esse processo ampliou o diálogo e interação entre a Educação Ambiental e a Educação Patrimonial.

Nas performances propiciadas pelas instalações da Trilha da Vida despertam-se os sentidos das pessoas participadoras e promove-se a religação entre o ser humano, a natureza e suas culturas por meio de vivência sensível e experiência concreta, em ambientes típicos dos biomas brasileiros como o Cerrado, Pantanal, Caatinga, Floresta Atlântica e ecossistemas costeiros associados. Nestas performances a mediação primeiramente é a própria vivência e experiência, tendo como subsequente a sua conceitualização/teorização/sistematização.

Nessa experiência performática propicia-se ao participante (performer) que ele mesmo tenha sua própria hermenêutica sobre o vivido/experenciado. O contato e a experimentação estética das pessoas com os objetos (sociotransmissores) e suas escolhas ativam memórias afetivas e resultam na construção de histórias de vida reais ou imaginadas, o que vem ao encontro da transição para sociedades sustentáveis.

A Trilha da Vida é uma alternativa para enfrentar a crise da imaginação e do conhecimento. É um espaço para experiências performáticas que estimulam o conhecimento sensível, criatividade e expressões artísticas, potencializam a imaginação e enriquecem o imaginário coletivo em diferentes linguagens. A integração de Arte e Ciência em processos vivenciais e imersivos é ampliada no contexto político de transformações sociais e culturais.

Referências

- BASBAUM, Ricardo. **O artista como pesquisador**. In: BASBAUM, Ricardo. Manual do artista-etc. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013, p. 193-201.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- BORGES, Carla. **Espaços Educadores Sustentáveis: Vida Sustentável: Ações Individuais e Coletivas** Rio de Janeiro: Salto para o Futuro. 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.
- CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, v. 1, n. 1, 2009. <https://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/54/53> . Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto. 2011.
- CERA, Flávia Letícia Biff. **Arte-vida-corpo-mundo, segundo Hélio Oiticica**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100606> . Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- CERQUEIRA, Daniel. Lemos. Pesquisa Artística: um breve panorama. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, v. 7, n. 1, p. 28- 43, jan./jun. 2021. Disponível em <https://cajapio.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/17143/9223>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- DENZIN, Norman Kent. Investigação qualitativa crítica. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 13, n. 1, 2017.

DIAZ ROCHA, Paulo Ernesto. Arte Educação Ambiental – AEA e algumas vertentes do fazer e da obra artista: técnica, estética, ideológica, coletiva, local, integrada, interativa e dinâmica. *Revista Brasileira de Educação Ambiental* v. 12 n. 3 (2017): **Anais do IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental e IV Encontro Catarinense de Educação Ambiental**. Balneário Camboriú (SC). 2017, p. 608. Tema: Uma releitura crítica das políticas da Educação Ambiental brasileira: Repercussões da Política (PNEA) e Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA). Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2476/1541>. Acessado em 26 de fevereiro de 2023.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. *In: Pedagogia do oprimido*. 64. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2017. p. 95-101.

FRITZEN-SILVA, Emerson.; MATAREZI, José. Pesquisa-Ensino-Extensão: dentro ou fora da sala de aula? Reflexões a partir do conceito de espaços e estruturas educadoras. *In: FÓRUM INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA ACAFE* (4.: 2013: Chapecó, SC) **Anais [...]**. Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unochapecó [recurso eletrônico] / Eliara Solange Müller... [et al.] (Orgs.). – Chapecó: Argos, 2013. 1450 p. Modo de acesso: < <https://www.editoraargos.com.br/anexos/1768/55670/anais-do-iv-forum-integrado-de-ensino-pesquisa-e-extensao-da-acafe-pdf> >

GOLDBERG, Luciane Germano. **Arte-Educação-Ambiental: o despertar da consciência estética e a formação de um imaginário ambiental na perspectiva de uma ONG**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) — Pós-graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 28, n. 55, p. 211-228, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862015000100012>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**, v. 11, n. 23, p. 15-36, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

KINCHELOE, Joe Lyons.; BERRY, Kathleen. S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KOBAYASHI, Tatsushi. A Suggestion about Environment Education Using the Five Senses. **Marine Pollution Bulletin**, vol.23, p.623-626, 1991. [https://doi.org/10.1016/0025-326X\(91\)90745-E](https://doi.org/10.1016/0025-326X(91)90745-E). Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

KUNIEDA, Edna. **Espaços educadores no contexto do CESCAR** (Coletivo Educador de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e Região/SP): do conceito à formação em educação ambiental. 2010. 145f São Carlos: UFSCar, Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1697> . Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

LAGO, Clenio. **Experiência estética e formação: articulação a partir de HansGeorg Gadamer**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS, Porto Alegre, 2011.

<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2824/1/000431358-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

LEMOS, Gustavo Nogueira; MARANHÃO, Renata Rozendo. O Viveiro Educador como espaço para a Educação Ambiental. **AmbientalMente sustentable: Revista científica galego-lusófona de educación ambiental**, n. 6, p. 173-190, 2008.

<https://core.ac.uk/download/pdf/61901219.pdf>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

MATAREZI, José; SILVA, Rodrigo Cesário Pereira. Instalação “Vida Secreta dos Objetos”: imaginação, memória e pertencimento na transição para sociedades sustentáveis. *In*: LAMAS, Nadja de Carvalho e JAHN, Alena Rizi Marmo (Org.), “**Arte e Patrimônio – Perspectiva e diálogos com Nathalie Heinich**”. Editora Casa Aberta, Joinville (SC). 2022.

MATAREZI, José; KOEHNTOPP, Paulo Ivo. Conhecimento sensível e inteligível na abordagem metodológica Trilha da Vida. **Revista Confluências Culturais**, v. 6, n. 1, p. 69-81, 2017.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5904455>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

MATAREZI, José; KOEHNTOPP, Paulo Ivo; LAMAS, Nadja de Carvalho. Convergências e similaridades entre os campos da educação ambiental, educação estética e educação patrimonial. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 8, n. 3, p. 211-227, 2017.

<https://doi.org/10.6008/SPC2179-6858.2017.003.0020>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

MATAREZI, José. “**Trilha da Vida**”: labirintos que se entrecem nos campos da educação ambiental e patrimonial. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade - Universidade da Região de Joinville). Joinville: UNIVILLE, 2017.

https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1220291/Jose_Matarezi.pdf. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

MATAREZI, José. Despertando os sentidos da educação ambiental. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 181-199, Editora UFPR. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000100012>.

Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

MATAREZI, José. Estruturas e espaços educadores. *In*: FERRARO JR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, p. 161-173. 2005.

MATAREZI, José. *et al.* A educação ambiental comunitária no litoral brasileiro e o papel da universidade. *In*: VIEIRA, Paulo. Freire. (Org.). **Conservação da diversidade biológica e cultural em zonas costeiras: enfoques e experiências na América Latina e no Caribe**. Florianópolis: APED, 2003, p. 528.

MATAREZI, José. Trilha da vida: re-descobrimo a natureza com os sentidos. **Revista Ambiente & Educação**. Rio Grande (RS): Fundação Universidade do Rio Grande, v. 5/6, p. 55-67. 2000. <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1091>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

- MORITA, Carolina Akemi Martins. **Ação, objeto e espaço na obra de Sérgio Ferro e Hélio Oiticica**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. São Carlos, SP. 2011. <https://doi.org/10.11606/D.18.2011.tde-12042013-135953>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- MOSTAÇO, Edelcio. Conceitos operativos nos estudos da performance. **Revista Sala Preta**, v.12, n.2, p.143-153, 2012. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v12i2p143-153>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- OITICICA, Hélio. **Conglomerado Newyorkaises**. Organização de César Oiticica Filho e Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.
- OITICICA, Hélio. **Museu é mundo**. [org.: César Oiticica Filho]. Rio de Janeiro: Azougue, 2011.
- OLIVEIRA Alessandra. de; TONSO, Sandro. Espaço Educador: um conceito em formação. VI Encontro Nacional da Anppas. 18 a 21 de setembro de 2012. Belém/PA – Brasil. **Anais**. 2012. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4639497/mod_resource/content/0/Espaco_educador.pdf. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- PERALTA CASTELL, Cleusa Helena Guaita. **Metaforizando a vida na terra: um recorte sobre o caráter pedagógico do Teatro-Fórum e sua mediação nos processos de transição agroecológica e cooperação em Rio Grande-RS**. Tese (Doutorado em Educação – Faculdade de Educação da UFRGS). Porto Alegre (RS), 2007. <http://hdl.handle.net/10183/8964>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.
- PERALTA, Cleusa Helena Guaitá. Experimentos educacionais: eventos heurísticos transdisciplinares em educação ambiental. *In*: Aloísio Ruschinsky. (Org.). **Educação ambiental - abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 105-125.
- RACHE, Rita Patta. **Arte-Educação Ambiental, um construto transdisciplinar**. Tese (Doutorado em Educação da Universidade de Brasília (UnB)). Brasília, DF, 232p. 2016. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23073>. Acessado em 24 de fevereiro de 2023.
- RAMA, Letícia Zorzi. **Corpo Vivo/Mundo Vivo: o fenômeno tátil e conhecimentos na Trilha da Vida**. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas da Univali. Itajaí (SC), 2020.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Do culto da performance à cultura da cortesia. *In*: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara. Regina. Práticas corporais: Gênese de um movimento investigativo em Educação Física. **Nauemblu Ciência & Arte**, Florianópolis, v. 1, 2005. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/236441/praticasCorporaisVolume1.pdf?sequence=1>. Acessado em 24 de fevereiro de 2023.
- SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michèle. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. 3. ed. São Carlos: RiMa, 2006.
- SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Arte-educação-ambiental. **Ambiente & educação**, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2010. <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1136>. Acessado em 24 de fevereiro de 2023.
- SCHMIDT, Angela Ferreira. **Trilha da vida e ambientes de aprendizagem: uma análise na busca de convergências**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica da São Paulo. São Paulo (SP), 2003.

TELLES, Narciso. A experiência como atitude metodológica na pesquisa em teatro. **Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**, Belo Horizonte, 2007. <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1172/0>. Acessado em 24 de fevereiro de 2023.

TILDEN, Freeman. **Interpreting our heritage**. Univ of North Carolina Press. Chapel Hill, North Carolina, United States, 2009.

TORO, Fernando. de. O que é performance? Entre a teatralidade e a performatividade de Samuel Beckett. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 15, p. 149-172, 2010. DOI: 10.5965/1414573102152010149. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102152010149>. Acesso em: 25 fev. 2023.

TRAJBER, Rachel; SATO, Michèle. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, FURG, Rio Grande (RS), v. especial, setembro de 2010. <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.3396>. Acesso em: 25 fev. 2023.

WALGENBACH, Wilhelm. Conceitos Básicos de Educação Ambiental: do Ponto de Vista da Educação Categorical. **Revista Ambiente & Educação**, v 1(1). Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande (RS). 1996. <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1039>. Acesso em: 25 fev. 2023.

WISNIK, Guilherme Teixeira. Dentro do labirinto: Hélio Oiticica e o desafio do “público” no Brasil. **Revista ARS** (São Paulo), v. 15, p. 95-110, 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2017.132781>. Acesso em: 25 fev. 2023.

Submetido em: 10/12/2021

Publicado em: 14/04/2023